



nada sabemos do que amamos

olhamos esta taça
e não sabemos de onde veio.
não sabemos que houve barro húmido
e mãos maculadas desse barro.
(um cofre fechado)

tocamos esta taça
e o espírito inflamado que nele vivia e que dele se libertou.
continuamos sem conhecer o seu corpo.
guardamos nela frutas, águas, jóias...
ela não nos devolve o segredo das mulheres.
(um jarro alto)

a taça brilha no fundo do tempo
e não sabemos nem do vento das areias finas
nem do calor que lhe deu luz.

e um dia, quando tivermos nas mãos os restos do seu corpo,
perceberemos então (tarde demais) o ser amado

lisboa, 4 abril 2015
joão pinharanda